

INTRODUÇÃO

OS ARQUIVOS DOS ANTROPÓLOGOS. RECOLHAS, PARTILHAS E FUTUROS

Sónia Vespeira de Almeida
Rita Ávila Cachado

Em 2001, os esquecidos “Arquivos Minot” inquietaram Françoise Zonabend. No *Laboratoire d’anthropologie sociale* (École des Hautes Études en Sciences Sociales) a antropóloga conversa com Claude Levi-Strauss e Nathan Wachtel sobre o futuro destes arquivos resultantes do trabalho de campo realizado entre 1967 e 1975 com Tina Jolas, Marie-Claude Pingaud e Yvonne Verdier.

Levi-Strauss aconselha-a a livrar-se dos materiais não relevantes, depois de ter confirmado se a antropóloga tinha publicado tudo o que considerava pertinente sobre Minot. Nathan Wachtel manifestou grande surpresa pelo facto de Zonabend ainda conservar os materiais recolhidos há mais de três décadas (Zonabend, 2011).

O que fazer com estes materiais diversos? Como interpelá-los agora? Qual o seu futuro? Que histórias podem, ainda, contar?

“Voltar aos arquivos” foi o repto que lançámos com o ciclo “Fins de Tarde com a Antropologia. Conversas sobre Arquivos Etnográficos”¹. Denominámos assim um conjunto de debates onde os participantes foram convidados a reflectir sobre as formas como recolhem e arquivam os dados de terreno.

1 O ciclo foi organizado no âmbito institucional do CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia) e do CIES (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia).

O ciclo resultou, assim, da identificação de uma lacuna no contexto antropológico português relativamente ao questionamento sobre como os antropólogos guardam os seus dados, contrariando alguma imaturidade da antropologia no que concerne à sua preservação (Molinié & Mouton, 2008), e possibilidades de partilha.

Nas diversas sessões, muitos dos investigadores referiram que, ao organizarem a sua comunicação, se depararam pela primeira vez com um conjunto de situações e perplexidades: o estado de conservação de alguns materiais; a obsolescência doutros e, por isso, a impossibilidade de os recuperar; e a inquietude perante os materiais com destinos ainda incertos.

As comunicações dos autores participantes, transformadas agora em textos publicados espelham, de formas diversas e cumulativas, os debates antropológicos internacionais sobre esta temática.

Começemos por aqueles que refletiram mais claramente sobre o trabalho de arquivo. Frederico Delgado Rosa, ao abordar o arquivo de Jill Dias² e tendo colaborado na sua organização, responde ao repto de Silverman e Parezo (1995), que sublinharam a relevância da reflexão sobre os usos dos arquivos etnográficos, uma vez que estes são matéria fundamental para a história da ciência em geral e da antropologia em particular. Estes arquivos testemunham as diferentes modalidades de fazer antropologia, o processo de construção do conhecimento antropológico, a elaboração dos métodos e a construção dos textos publicados (Zonabend, 2011).

Doutra forma, o texto de Graça Índias Cordeiro alude às potencialidades de análise de um contexto etnográfico a partir do cruzamento de diversos tipos de arquivo promovidos num determinado terreno: aquele que é produzido pelo etnógrafo através da observação participante e seu registo; um registo fotográfico³, no caso realizado por um fotógrafo que colaborou na

2 Jill Dias faleceu prematuramente em 2008 e deixou um legado organizado pelo CRIA, inicialmente trabalhado por Maria Cardeira da Silva e por Frederico Delgado Rosa. O Fundo Jill Dias pode ser consultado em <http://cria.org.pt/site/biblioteca/fundo-jill-r-dias.html>.

3 A utilização da fotografia e de outros registos visuais foi de resto motivo de reflexão de todos os participantes, evidenciando as suas potencialidades metodológicas.

investigação; e o não menos importante arquivo local (de uma associação), que revela, a partir de um tempo diferente do da observação, possibilidades de interpretação inesperadas. Ainda no campo do arquivo que é etnograficamente pesquisado (Almeida, 2007), o texto de Ricardo Roque revela como a micro-história por vezes se confunde com a ideia de etnografia de arquivo e como pequenos indícios encontrados em arquivos podem indicar e potenciar caminhos analíticos.

De resto, todos os textos aqui reunidos são, também, contributos para retratar um tempo que reflecte várias gerações de antropólogos portugueses. Voltar, reencontrar e redescobrir os materiais que tinham em casa - aos quais alguns chamaram de arquivo, outros manifestaram resistência em nomear ou em atribuir destino certo - foi um trajecto desenhado muitas vezes motivado pela nossa sugestão. Arquivar obriga-nos a arrumar o nosso material que, doutra forma, não faríamos (Caplan, 2010: 17). Às vezes são as etnografias que conduzem os antropólogos a organizar de uma determinada forma. Foi o que aconteceu com Maria José Fazenda, que ordenou os materiais do seu terreno (com uma companhia de dança) e que traz com o seu texto a clarificação desse processo.

Mas há outro contributo internacional que nos serviu de inspiração ao longo do ciclo. É um texto de Robert Leopold (2008) sobre as potencialidades daquilo a que chama “a segunda vida” dos materiais etnográficos. Constituiu-se como excelente pista para reflexão, por chamar a atenção para a necessidade de guardar, de seleccionar o que se guarda e de se debater sobre como e o que se partilha. Embora quase todos os convidados tenham reflectido sobre estes diferentes aspectos, alguns colaboraram directamente para essa percepção. José Mapril, por exemplo, reflectiu sobre uma fotografia que sabia ter capturado durante uma etnografia realizada há anos atrás, mas que não encontrava. Buscou nos diários por referências que a identificassem, e nesse sentido acabou por recordar a necessidade de indexar a velha ferramenta a que chamamos diário de campo. Também Humberto Martins aborda justamente a questão da “segunda vida” ao explicar o processo de construção de uma exposição com contributos de antropólogos (fotografia, excertos

de diários de campo, etc)⁴. De facto, a concretização destes momentos que colaboram para retratar um conjunto de investigadores contribui – é o que esperamos também com este volume - para inscrever a antropologia atual.

Notámos que a maior parte dos autores, ao expor os seus terrenos, fê-lo evidenciando os diversos materiais de registo que, por sua vez, conduziram a várias reflexões sobre arquivos etnográficos. Neste campo, são evidentes os contributos de Amélia Frazão-Moreira, Ana Isabel Afonso e Marta Rosales, pois uma parte dos seus materiais etnográficos vai além dos registos mais comuns – escrita, áudio e imagem em diversos suportes. Respetivamente, as fichas de um herbário, o desenho e um conjunto de objetos enriquecem o debate sobre arquivo em vários sentidos. No caso do herbário de Amélia Frazão-Moreira, a identificação de plantas com uso quotidiano *versus* aquelas de que “só” resta a memória da sua utilização conduziu a uma reflexão *in situ* que está muito próxima da análise sobre as fronteiras entre aquilo que são os arquivos dos antropólogos (que dá nome ao livro) e os arquivos etnográficos. Mas já lá vamos. Por sua vez, a utilização do desenho por Ana Isabel Afonso, neste caso feito por um colega na pesquisa sobre contrabando, revelou-se essencial quando outros registos iconográficos eram incomportáveis. Uma actividade nocturna realizada sem legalidade não permitiu registos fotográficos ou em vídeo. A memória sobre o contrabando foi repescada com a colaboração do desenho etnográfico, uma forma de registo pouco utilizada tendo em conta as suas potencialidades, tal como Karina Kushnir (2014) ou Philip Cabau (2016) tão bem o demonstram. Finalmente, a reflexão sobre cultura material contemporânea de Marta Rosales aponta para algo central no debate em curso: “a actividade de arquivo está fortemente ligada à reflexividade antropológica”.

Uma outra dimensão que queremos sublinhar relaciona-se com a ideia de trajectória profissional e perspectivas que dela resultam. Numa primeira experiência etnográfica, o método e as suas exigências mais clássicas manti-

4 Além da exposição organizada no âmbito IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia em 2009, o autor organizou um volume sobre trabalho de campo (Martins, 2016). A mesma associação organizou um estudo intitulado *Perfil do Antropólogo em Portugal*, cujos resultados preliminares foram apresentados no VI Congresso da APA em Junho de 2016, com debate alargado realizado no Museu Nacional de Etnologia em Outubro do mesmo ano.

veram a pressão sobre os investigadores – cumprir diagramas de parentesco, realizar o diário espartanamente, residir sem se afastar da “aldeia”, entre outros. Já a acumulação de experiências diversas parece oferecer maior segurança ontológica aos investigadores que já cumpriram o cânone, conduzindo a etnografias mais descontraídas mas não menos exigentes. Susana Matos Viegas mostra-nos essa passagem e como diferentes posicionamentos no terreno remetem para diferentes formas de retorno aos interlocutores.

Além disso, encontrámos uma constante nas entrelinhas nos diversos contributos, que passa pela ideia de que, apesar de ser evidente que a mudança nas tecnologias ligadas à recolha de dados conduz a diferentes formas de recolha, é também claro que os diferentes terrenos conduzem a diferentes registos. Inês Lourenço realça justamente esse aspecto e, tal como Sónia Ferreira, debate sobre o peso digital no quotidiano do trabalho antropológico: além de inúmeros textos em *word* e *pdf*, como e até que ponto se arquivam conteúdos que também estão disponíveis na internet?

Voltando ao registo escrito, *modus operandi* com poucas alterações ao longo do tempo apesar da sua digitalização, o contributo de João Leal sugere uma subdivisão entre registos escritos, evocando a obra já clássica e também inspiradora do ciclo, *Fieldnotes. The makings of Anthropology* organizado por Roger Sanjek (1990). João Leal distingue entre cadernos de campo, diário de campo e outros registos, termos que são quase conceitos, e que podem servir de guia para os que iniciam a prática etnográfica.

Frequentemente, no decorrer do ciclo, os antropólogos reflectiram, sem resposta unívoca, sobre os conceitos propostos: arquivos etnográficos, antropológicos, quais as fronteiras mais e menos nítidas? Ao fim de alguns debates, e depois de várias leituras, pode ser claro que um arquivo etnográfico remeta para uma coleção organizada que se refira a uma etnografia específica e que o arquivo de um antropólogo retrate a sua trajetória profissional, incluindo arquivos em construção ou apenas colecções de dados etnográficos. Mas as práticas antropológicas encontram caminhos mais complexos. O exemplo mais inquietante é o que nos traz Filomena Silvano. Quando a vida pessoal se cruza com a vida profissional, incluindo no espaço onde se regista, como

o caderno de campo, a fronteira esbate-se. Paradoxalmente, no seu caso, o processo de eleger e deitar fora parece simples. Aparentemente contrariando a ideia de arquivar para poder fazer história, a concretização do arquivo, por exemplo quando depositado nas instituições para as quais se trabalhou, agilizará o trabalho do futuro historiador da antropologia.

Finalmente, a reflexão de Nélia Dias interpela-nos, por um lado, sobre o inquietante gesto de destruição dos arquivos a partir do caso de Marcel Appenzell e da sua prolongada experiência de terreno de entre os Anadamlams. Por outro, destaca a relevância dos arquivos dos antropólogos para o futuro, recolocando-nos na ideia de Leopold (2008) sobre a segunda vida dos materiais etnográficos.

Com este livro procurámos dar a ver a forma como os cientistas sociais, em particular os antropólogos, trabalham. Ao reflectirmos colectivamente sobre os arquivos que construímos, procurámos, também, sistematizar o conhecimento e reflexão crítica sobre uma prática – e a produção de conhecimento daqui resultantes – mapeando os gestos. Acreditamos que a interpelação da etnografia como processo (Sanjek, 1996), e em particular as formas de registo e de arquivo dos documentos produzidos pelo antropólogo num tempo longo, são particularmente relevantes para a constituição do património disciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sónia Vespeira de (2007), “Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA: uma etnografia retrospectiva”, *Arquivos da Memória*, 2 (nova série), CEEP: 47-65.

URL: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v11n1/v11n1a07.pdf>

CAPLAN, Pat (2010), “Something for posterity or hostage to fortune? Archiving ethnographic field material”, *Anthropology Today*, 26, 4: 13-17.

CABAU, Philip (2016), “Crús e Descosidos. Reflexões em torno do desenho da antropologia” in *Cadernos de Arte e Antropologia* (Antropologia e Desenho), Núcleo de Antropologia Visual da Universidade da Baía, vol. 5, n.º 2: 21-36.

KUSHNIR, Karina (2014), “Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa”, *Cadernos de Arte e Antropologia*, 3 (2): 23-46.

MARTINS, Humberto; MENDES, Paulo (org.) (2016), *Trabalho de Campo. Envolvimento e Experiências em Antropologia*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

MOLINIÉ, Antoinette; MOUTON, Marie-Dominique (2008), “L’ethnologue aux prises avec les archives – Introduction”, *Ateliers du LESC* [En ligne], 32.

URL: <http://ateliers.revues.org/1093>

LEOPOLD, Robert (2008), “The second life of ethnographic fieldnotes”, *Ateliers du LESC* [En ligne], 32, mis en ligne le 04 août 2008, consulté le 02 février 2014.

URL: <http://ateliers.revues.org/3132>; DOI: 10.4000/ateliers.313

SANJEK, Roger (ed.), (1990), *Fieldnotes. The makings of Anthropology*, Ithaca and London, Cornell University Press.

SANJEK, Roger (1996), “Ethnography” in A. Bernard, J. Spencer (eds.), *Encyclopedia of social and cultural anthropology*, London, New York, Routledge: 295-302.

SILVERMAN, Sydel (1995), “Introduction” in Sydel Silverman, Nancy Parezo (ed.), *Preserving the Anthropological Record*, Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research.

URL: www.copar.org/par/

SILVERMAN, Sydel; PAREZO, Nancy, J. (1995), *Preserving the Anthropological Record*, Wenner-Gren, Foundation for Anthropological Research. <http://copar.org/par/>

ZONABEND, Françoise (2011), “Retour sur archives ou comment Minot s’est écrit”, *L’Homme*, 2011/4 (n. 200): 113-140.

URL: <http://www.cairn.info/revue-l-homme-2011-4-page-113.htm>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Sónia Vespeira de Almeida

Professora Auxiliar Convidada no Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-NOVA). É investigadora integrada no CRIA. É doutorada em Antropologia no ISCTE-IUL, 2008. Obteve a menção honrosa do *Prémio Victor de Sá de História Contemporânea*. Co-coordena o grupo de investigação “Práticas e Políticas da Cultura” e o Núcleo de Antropologia Visual e da Arte (CRIA). Actualmente é Directora-adjunta do Conselho de Redacção da revista *Análise Social* (Instituto de Ciências Sociais) e Membro da Comissão Editorial da revista *Cadernos de Arte e Antropologia* (NVBA – Brasil). Publicou, entre outras publicações nacionais e internacionais, *Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975)* (2009).

Rita Ávila Cachado

Antropóloga, é Professora Convidada no ISCTE a tempo reduzido. É investigadora no CIES-IUL (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia). Doutorada em Antropologia Urbana pelo ISCTE-IUL (2008). Autora do livro *Uma Etnografia na Cidade Alargada. Processo de Realojamento dos Hindus da Quinta da Vitória* (2012), entre outras publicações nacionais e internacionais. Coorganizou a *First* e a *Second International Conference of Young Urban Researchers*. Usufriui atualmente de uma bolsa de pós-doutoramento da FCT, com projeto sobre a História da Etnografia Urbana em Portugal.